

## **O Papel do Orientador Educacional para a Visibilidade do Ser Social**

**Julianne Viana Guerra**

Por muitos anos a educação nacional restringiu-se a processos cristalizadores de perspectivas aligeiradas de ordenamento social, fruto do sucateamento histórico das reais demandas estruturadas. Pensando num projeto consistente de formação humana, os últimos 30 anos foram testemunhas da resistência de grupos representativos e o surgimento de um arcabouço legal mais próximo das adequadas necessidades das “minorias” marginalizadas.

Desde a década de 1990, com a reformulação da Lei de Diretrizes e Base da Educação, o tema das competências socioemocionais vem sendo estudado com mais expressividade, porém ganhou força em 2017, com as discussões da Base Nacional Comum Curricular. Esses avanços foram marcados por lutas fundamentalmente baseada na busca por desenvolvimento de princípios centrado nas peculiaridades do aluno, mas visando a equidade.

Sendo assim, a BNCC foi promulgada a fim de alcançar uma educação qualitativa em que todos os agentes do processo educativo estivessem equiparados por um currículo de base nacional, respeitando o discente como um ser crítico, auxiliando na integralidade da relação humana.

Observa-se que das dez competências da Base Nacional quatro são baseadas no desenvolvimento socioeducacional, visto que esse fator é essencial para a convivência em sociedade, pois permite lidar com desafios existentes na sociedade contemporânea, como a complexidade, a incerteza, a autonomia, a velocidade das transformações e a globalização.

Outrora, por meio da razão, o homem buscou conhecimento do ser. Na atualidade, tomou outro rumo e descobriu a importância da sensibilidade como processo cognitivo do valor do indivíduo. O conhecimento do homem começou considerando-o como animal racional, definindo-o pela racionalidade. Percebeu-se a importância do emocional como característica fundamental do ser humano. Vale ressaltar que essas habilidades podem ser ensinadas e apreendidas e a escola é um espaço primordial como agente propulsor desse processo.

No que tange à relação entre pessoa e educação, pressuposto fundamental para o pensamento da autora WERNECK (2013, p.16), ela escreve: “A pessoa (...) realiza progressivamente sua destinação, se valoriza paulatinamente, cresce pouco a pouco no valor. Esse crescimento é o objetivo da educação”.

Para que esse valor seja observado pelos alunos, o ambiente escolar deve funcionar como um meio capaz de fomentar o diálogo construtivo, porém observamos que por estarem preocupados com a avaliação como o principal instrumento da aprendizagem e a mensuração em notas, relegou a um canto meio abandonado a importância milenar que a conversa teve no próprio surgimento do conceito de educação ou escola em nossa cultura.

Devemos nos lembrar de que foi caminhando e conversando pelos jardins do Liceu que Aristóteles, por exemplo, ensinava aos seus discípulos, os Peripatéticos, há uns 2400 anos atrás – seguindo um estilo conversacional que inclusive já estava presente, antes, em filósofos como Sócrates e Platão. E a partir disso seria possível reconhecer que, ao longo dos muitos séculos que se passaram desde então, não só as conversas com fins educacionais continuaram, como a própria educação liberal foi frequentemente entendida como uma “grande conversação” entre os mestres do passado e do presente.

A conversa, nesse sentido, poderia então ser considerada como um diálogo construtivo. E, mesmo com o uso de tecnologias cada vez mais modernas, ela provavelmente continua a ser o recurso mais utilizado no ensino, e também permanece sendo aquele que desperta mais expectativas em alunos e profissionais da educação. Para além do programa ou do material didático adotado nos cursos, afinal, é a conversa que mais frequentemente dá vida e cria tensões produtivas nas salas de aula, é ela que de fato movimenta aquilo que, sem ela, periga sempre virar letra morta.

Afinal, veja bem: os objetivos fundamentais da educação devem ser o de desenvolver nos alunos a capacidade de produzir conhecimentos, analisar práticas e posicionar-se criticamente em situações concretas, e não a capacidade de apenas reproduzir ideias ou informações que possam ser facilmente verificadas através de questionários fechados. Entendemos, de fato, que o foco dos esforços pedagógicos deve estar no desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica e colaborativa do aluno diante das próprias experiências e das vivências compartilhadas com colegas. E como os especialistas da educação poderiam incentivar a reflexão e o compartilhamento, dentro de

um grupo de pessoas de carne e osso, sem passarmos por uma prática sistemática de conversação?

Neste sentido, a peça fundamental de articulação para o desenvolvimento de um ambiente escolar acolhedor e permeado pelo diálogo é o Orientador Educacional, pois ele pensa no aluno como um ser global, o qual deve desenvolver-se de maneira plena em todos os aspectos, sejam eles, intelectuais, físicos, sociais, morais, políticos, emocionais, educacionais entre outros.

Não por acaso, é a falta da “conversa” que parece ameaçar mais os relacionamentos e provocar mais desconfianças em relações interpessoais. Ao mesmo tempo, é sobre a possibilidade de vê-la se desenvolver plenamente que se concentram boa parte das melhores expectativas e experiências que temos visto e vivido nesse âmbito.

Ao realizar uma breve análise, percebemos que em sua formação inicial, o OE acompanhou os rumos educacionais no âmbito da garantia de ordem social, pois, inicialmente, ele era visto como alguém que estava na escola à disposição da sociedade, na medida em que articulava educação com religiosidade, premissa inerente quando toda a educação tinha uma visão jesuítica. Posteriormente, através de uma análise tradicional, o orientador era visto como um terapeuta que tentava solucionar as dificuldades dos alunos-problemas.

A orientação buscava encontrar nos discentes os problemas particulares que acabavam contaminando a sociedade, assim, esse profissional, procurava estabelecer a ordem, porém o que percebemos, através da evolução dos processos formativos, é que as dificuldades não são somente dos sujeitos, mas também de uma sociedade que culpabiliza somente o cidadão pelas mazelas da vida.

Neste sentido, o orientador Educacional exerce uma função fundamental, visto que faz parte do grupo de gestão da escola, é um especialista formador de elos ao atuar juntamente com a equipe diretiva, professores, alunos e sociedade.

Segundo Grinspun (2011, p. 64), o OE, na reflexão sobre o comportamento dos estudantes, procura:

Desvelá-lo, trazendo à tona o que está oculto, menosprezado ou alienado; Analisá-lo, priorizando o que, para o indivíduo, é o essencial, o relativo, o articular, o coletivo, o duradouro, o efêmero, o transformador, o ameaçador etc.; Relacioná-lo com os outros cotidianos com os quais o indivíduo convive. Estou mencionando

e caracterizando o cotidiano escolar, mas temos outros também: o familiar, o dos amigos, o do trabalho, o da religião, o pessoal etc.; Discuti-lo, interrogando sobre as determinações e obrigações, sobre as ambiguidades, sobre as diferenças e desigualdades; Compreendê-lo, contextualizando a trama das relações que dele provêm e dos dramas que ele pode nos provocar se não tivermos a consciência de que em parte somos também responsáveis pelo cotidiano escolar; Visualizá-lo, identificando o aproveitamento do espaço/tempo em que ele ocorre, da mesma forma como acontece as tomadas de decisão na escola.

É através das emoções que os alunos amadurecem e aprendem mais. Eles externam de várias maneiras suas dificuldades e conflitos que travam, principalmente na adolescência. As emoções podem interferir ou até mesmo impedir o desenvolvimento. O nível de estresse, a angústia, a pressão dos pais e a baixa autoestima são fatores que atuam diretamente no percurso e, conseqüentemente, no resultado final.

Torna-se vital para a atuação assertiva do Orientador Educacional, já que trabalha com uma geração multifacetada e substancialmente tecnológica, competitiva e em constante transformação, uma reflexão contínua sobre seu trabalho e sobre a evolução dos tipos de relações que se estabelecem.

Corroborando, WERNECK (2013, p.16): *De repente ficou claro que o importante não é o conhecimento do ser, porém o valor do ser.* Percebeu-se que mais importante não é a ciência, a tecnologia, a economia ou mesmo a saúde e a riqueza, mas o valor que representam para o homem, a capacidade de satisfazer suas carências, suas necessidades.

Essa visão mostra que o aprendizado não ocorre de forma automática e linear, e as emoções têm um grande papel nesse processo. Para que o aprendizado aconteça, é fundamental que este seja significativo e parta da realidade do aluno e das inquietações deles. Os professores devem mediar a aprendizagem

A importância do ensino de mediação dentro do ambiente escolar é para que os alunos desenvolvam essa habilidade de competência social. O conflito faz parte da vida e vai ter em qualquer lugar do mundo. Mas a forma de lidar com esse conflito é que eles vão aprender.

Para melhor compreender a noção de mediação que se quer aqui utilizar, é necessário observar o que diz Vygotsky (2008), para quem o pensamento do homem é culturalmente mediado. Para esse teórico, a mediação se dá, principalmente, pela

linguagem, já que esta carrega em si os conceitos elaborados pela espécie humana. Para o psicólogo, portanto, o desenvolvimento humano acontece mediante a apropriação, pelo homem, da experiência histórico-cultural e na sua relação com o outro social.

O trabalho de Vygotsky aponta para a compreensão de que o ensino deve adiantar-se ao que seria um desenvolvimento solitário do indivíduo, o que nos leva a um de seus conceitos fundamentais: o de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que o autor define como a diferença entre o que o indivíduo é capaz de realizar sem a ajuda de outra pessoa (nível real de desenvolvimento) e o que ele não pode fazer sozinho (nível potencial de desenvolvimento). Entende-se, daí, que numa modalidade como a EaD, é principalmente a interação com o tutor/mediador, que intervém na ZDP, que leva o aluno a alcançar progressos que não seriam possíveis sem essa interferência. Importante notar, no entanto, que não só a interação do aluno com o professor é capaz de promover tais avanços. Significa que novos ambientes de aprendizagem podem se constituir de maneira independente da relação professor-aluno que conhecemos.

Para Vygotsky, o aluno menos experiente também se beneficia da interação com o mais experiente, na medida em que também este auxilia o primeiro em elaborações que sozinho não poderia realizar. Por outro lado, nesse movimento, também o aluno mais experiente é beneficiado, já que é através do seu esforço em ajudar o outro que este é obrigado a reestruturar o próprio conhecimento.

Devemos notar, ainda, que na teoria de Vygotsky, segundo Daniels (2002, p.9), os mediadores podem ser de três tipos: os signos e símbolos, as atividades individuais e as relações interpessoais. Considerando essa tipologia, é justamente no terceiro tipo que estão em jogo às relações interpessoais que se estabelecem entre o indivíduo em desenvolvimento e outros participantes do mesmo contexto. E essas relações favorecem o desenvolvimento de cada um e de todos na medida em que auxiliam no processo de transformação em sentido dos significados socialmente partilhados.

O orientador precisa avaliar as peculiaridades dos discentes, analisar as formas de lutas e representações civis, seja de maiorias ou minorias, desde que essas lutas sejam pela garantia dos direitos humanos e a análise das desigualdades como determinante do espelho social, tendo como pano de fundo o exercício da democracia. Em quanto profissional articulado, as decisões tomadas, devem partir de práticas democráticas horizontalizadas e não verticalizadas.

Partindo desse pressuposto, observa-se a importância de se promover um ambiente democrático através da garantia de políticas públicas na comunidade escolar. O papel da orientação educacional para a formação de protagonistas sociais precisa ser entendido como parte indispensável da promoção dos princípios éticos, políticos e estéticos,

Estimular o diálogo como viés para as ações cotidianas é fundamental. Assim sendo, a escola torna-se um meio favorável para descobertas sobre si e sobre o mundo, pois possibilita aos alunos a participação em rodas de conversa, ler, aprender, fazer amigos, perguntar, pesquisar, exercer a cidadania e entrar em contato com o múltiplo. É nesse local que as crianças têm a possibilidade de criar textos, inventar formas de se expressar, recriar relatos, inspirar-se, problematizar fatos históricos, operar raciocínios. Assim, vão construindo sua identidade.

Fazer com que os agentes do processo educacional entendem que a esfera escolar tem um papel determinante na construção da identidade, é essencial para a valorização da educação, visto que sem ela não conseguimos vivenciar aspectos vitais e decisivos para a construção da autonomia.

Entretanto, torna-se necessário fomentar a debate, no campo das questões pautadas pela educação brasileira em seus contextos históricos, políticos e científicos. Essa atividade faz com que o estudante se torne mais participativo, crie sua identidade, entenda a sociedade ao qual está inserido e os processos de produção das desigualdades. Tendo como ponto de apoio, para essa efetivação, a comunidade escolar, a luta pela consolidação de um Estado democrático é, conseqüentemente, a busca por uma escola democrática.

Para que seja possível estabelecer uma educação equitativa, qualitativa e reparadora, é fundamental que, os especialistas em educação e aqueles que trabalham diretamente com os alunos, compreendam a força que produzem na vida de cada ser humano que passa pelo seu cuidado. Uma escola que trabalha com bases no desenvolvimento socioemocional dos discentes precisa ter uma equipe preparada para serem mediadores de práticas sociais e institucionais que garantam os fundamentos das políticas públicas.

É essencial que a escola trabalhe através de um ensino significativo, colocando o discente como protagonista do processo e o educador como mediador desse cenário,

mas isso será possível caso haja relações afetivas satisfatórias; quando o aluno conseguir perceber que é visto, ou seja, a relação olho no olho deve acontecer dentro do âmbito escolar, pois assim haverá um arrolamento de troca substancial. Compartilhando vivências e experiências, a criança e o adolescente vão aprendendo a conviver com as diversas situações da vida, passando a controlar melhor suas emoções, tornando-se equilibrados emocionalmente, o que facilitará o processo de aprendizagem e seu desenvolvimento cognitivo. Da mesma forma, aprenderão a se sensibilizar com o sofrimento do outro, emocionando-se mais, aumentando a afetividade em relação ao mundo que os cerca.

O papel da escola, nesse sentido, é também o de trabalhar os valores humanos existentes nas relações familiares, como: diálogo, afetividade, amizade, respeito, amor, atenção, carinho, dentre outros, a fim de desenvolver a Pedagogia da Sensibilidade. Devemos trabalhar com os alunos práticas de cooperação, bondade, solidariedade; as relações interpessoais; exercícios de vida nas relações cotidianas; além de desenvolver técnicas de estudo, sensibilização; instinto, sentimento e aspecto cognitivo.

A fim de integrar atividades que propiciem o desenvolvimento das habilidades socioemocionais ao currículo, além do uso de metodologias diversificadas – que levem estudantes a se depararem com as problemáticas vividas por eles mesmos em seu cotidiano – o que sugerimos é um novo olhar sobre o papel da escola. A formação ética para a cidadania é um dos desafios da escola contemporânea, visto que educar não é apenas instruir, mas também oferecer experiências significativas que preparem crianças e jovens para a vida em sociedade.

Enfim, esperamos que tais ideias frutifiquem em práticas pedagógicas que busquem a formação de cidadãos(ãs) que valorizem o diálogo, a justiça, o respeito mútuo, a solidariedade, a tolerância, e lutem por uma vida digna para todos os seres humanos.

O que nos liberta é a liberdade de todos nós.

## REFERÊNCIAS

GRINSPUN, Mirian P. S.Z.A Orientação Educacional: conflito de paradigmas e alternativas para escola. 5. ed. São Paulo; Cortez, 2011.  
\_\_\_\_\_. A Orientação Educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola. São Paulo; Cortez, 2001.

- \_\_\_\_\_. Supervisão e Orientação Educacional: perspectivas de integração na escola. São Paulo: Cortez, 2003.
- \_\_\_\_\_. Supervisão e Orientação Educacional: perspectivas de integração na escola. 4ª ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2008.
- \_\_\_\_\_. A prática dos orientadores educacionais. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- CUNHA, Ana Lygia. Reflexões sobre o papel de mediador em discussões do fórum de um curso online. In.: Cadernos de Letras (UFRJ), n.28 – jul. 2011, p.75-88.
- DANIELS, H. Introdução: a psicologia num mundo ideal. In: H. Daniels (Org.). Uma introdução a Vygotsky. São Paulo: Loyola, 2002. p.1-30.
- PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. Coleção Culturas em debate. 3 ed. Rio de Janeiro: Forence, 1964.
- WERNECK, Vera Rudge. Educação e cultura. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 46.
- \_\_\_\_\_. Educação & sensibilidade – um estudo sobre a teoria dos valores. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.